A AUTONOMIA DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: RELAÇÕES SOCIAIS E PRÁTICAS EDUCATIVAS

CARLA ROZEMBERG ALVES RUBIO

RESUMO
Este artigo tem como objetivo analisar o desenvolvimento da autonomia infantil na educação infantil, considerando o papel das interações sociais, da afetividade e das práticas pedagógicas no processo educativo. A pesquisa caracteriza-se como um estudo de natureza qualitativa, com metodologia bibliográfica, fundamentada em autores que discutem autonomia, identidade, desenvolvimento moral e educação infantil, além de documentos oficiais que orientam as práticas pedagógicas no contexto escolar. Os resultados apontam que a autonomia não se desenvolve de forma isolada, mas por meio das relações sociais estabelecidas entre crianças, adultos e o ambiente educativo. Evidencia-se que o respeito ao tempo de cada criança, a oferta de oportunidades de escolha e a valorização da participação ativa são elementos essenciais para a construção da autonomia. Conclui-se que a educação infantil desempenha papel fundamental na formação de sujeitos autônomos, críticos e participativos, desde que promova práticas educativas intencionais, afetivas e coerentes com as necessidades e potencialidades das crianças.

PALAVRAS-CHAVE: Autonomia infantil; Educação Infantil; Desenvolvimento moral; Interações sociais; Práticas pedagógicas.

ABSTRACT
This article aims to analyze the development of children's autonomy in early childhood education, considering the role of social interactions, affectivity, and pedagogical practices in the educational process. The research is characterized as a qualitative study, with a bibliographic methodology, based on authors who discuss autonomy, identity, moral development, and early childhood education, as well as official documents that guide pedagogical practices in the school context. The results indicate that autonomy does not develop in isolation, but through the social relationships established between children, adults, and the educational environment. It is evident that respect for each child's pace, the provision of opportunities for choice, and the valuing of active participation are essential elements for the construction of autonomy. It is concluded that early childhood education plays a fundamental role in the formation of autonomous, critical, and participatory individuals, provided that it promotes intentional, affective educational practices that are coherent with the needs and potential of children.
KEY-WORDS: Child autonomy; Early childhood education; Moral development; Social interactions; Pedagogical practices.

INTRODUÇÃO

A autonomia infantil constitui um dos eixos centrais do trabalho pedagógico na educação infantil, estando diretamente relacionada ao desenvolvimento integral da criança e à sua formação como sujeito ativo, crítico e participativo. Desde os primeiros anos de vida, as crianças demonstram capacidade de agir sobre o ambiente, expressar desejos, fazer escolhas e assumir pequenas responsabilidades, evidenciando que a autonomia não surge de forma espontânea, mas é construída gradativamente nas relações sociais e nas experiências cotidianas.
No contexto da educação infantil, a autonomia deve ser compreendida como um processo educativo que envolve dimensões cognitivas, sociais, emocionais e morais. Trata-se de um percurso que se desenvolve a partir das interações estabelecidas entre crianças, adultos e o ambiente educativo, mediado por práticas pedagógicas intencionais e por relações afetivas significativas. Dessa forma, promover a autonomia não significa incentivar a independência precoce, mas criar condições para que a criança participe ativamente de seu processo de aprendizagem, respeitando seus ritmos, limites e potencialidades.
A escola, enquanto espaço de socialização e formação, assume papel fundamental nesse processo, uma vez que organiza tempos, espaços, materiais e interações que podem favorecer ou limitar o desenvolvimento da autonomia

infantil. As práticas educativas devem possibilitar experiências que estimulem a iniciativa, a tomada de decisões, o diálogo e a cooperação, reconhecendo a criança como sujeito de direitos e protagonista de suas ações. Nesse sentido, a afetividade e o respeito às singularidades tornam-se elementos indispensáveis para a construção de relações educativas que promovam segurança emocional e confiança.

Diante disso, torna-se relevante refletir sobre como a autonomia infantil se constrói no contexto da educação infantil e quais fatores contribuem para esse desenvolvimento. Assim, este artigo tem como objetivo analisar o desenvolvimento da autonomia da criança na educação infantil, considerando o papel das relações sociais, da afetividade e das práticas pedagógicas no processo educativo, à luz de estudos teóricos e documentos que orientam a educação infantil.

DESENVOLVIMENTO

METODOLOGIA

O presente artigo desenvolve-se a partir de uma abordagem qualitativa, fundamentada na análise teórica de produções acadêmicas e documentos normativos relacionados à educação infantil. A opção por esse tipo de abordagem justifica-se pela necessidade de compreender a autonomia infantil como um fenômeno social e educativo, construído nas relações e nas práticas pedagógicas, e não como um dado mensurável ou exclusivamente individual.

O percurso metodológico consistiu na leitura e análise interpretativa de obras clássicas e contemporâneas que discutem a autonomia, o desenvolvimento moral, a afetividade e as interações sociais na infância. Foram considerados artigos científicos, livros e produções acadêmicas que abordam a temática sob diferentes perspectivas teóricas, permitindo uma visão ampliada e crítica sobre o desenvolvimento da autonomia no contexto educativo.

Além da literatura especializada, foram utilizados documentos oficiais que orientam as práticas pedagógicas na educação infantil, com o objetivo de estabelecer relações entre os pressupostos teóricos e as diretrizes educacionais vigentes. A análise do material não seguiu um modelo fechado de categorização, mas buscou identificar ideias centrais, convergências teóricas e contribuições relevantes para a compreensão do papel da escola, do educador e das relações sociais na construção da autonomia infantil.

Dessa forma, a metodologia adotada possibilitou refletir sobre a autonomia como um processo gradual, mediado pelas interações sociais, pela afetividade e pela organização do ambiente educativo, contribuindo para a compreensão de práticas pedagógicas que favoreçam o protagonismo da criança na educação infantil.

AUTONOMIA INFANTIL: CONCEITOS E FUNDAMENTOS TEÓRICOS

A autonomia infantil é um conceito central no campo da educação infantil e está diretamente relacionada ao desenvolvimento moral, social e cognitivo da criança. De modo geral, a autonomia pode ser compreendida como a capacidade de agir de forma consciente, realizar escolhas, assumir responsabilidades e posicionar-se diante das situações vivenciadas, considerando tanto os desejos individuais quanto as normas coletivas.

No contexto educativo, o desenvolvimento da autonomia não ocorre de maneira espontânea, mas é construído gradativamente por meio das experiências sociais e das mediações realizadas pelos adultos.

Autores que discutem o desenvolvimento infantil destacam que a autonomia se constrói nas relações e nas interações sociais, sendo resultado de um processo educativo intencional. Pereira (2006) aponta que o termo autonomia é amplamente utilizado por pais e educadores preocupados com o desenvolvimento infantil e, à luz das contribuições de Jean Piaget, compreende-se que a autonomia moral constitui um dos principais objetivos da educação. Para Piaget, a criança passa de uma moral heterônoma, baseada na obediência às regras impostas pelos adultos, para uma moral autônoma, fundamentada na cooperação, no respeito mútuo e na compreensão das regras como construções coletivas.

Nesse sentido, desenvolver a autonomia infantil implica possibilitar à criança participar ativamente de seu processo de aprendizagem, exercendo escolhas, expressando opiniões e refletindo sobre suas ações. A autonomia não deve ser

confundida com independência absoluta, mas entendida como um processo gradual, no qual a criança aprende a agir com responsabilidade e consciência, contando com o apoio e a orientação dos adultos. Assim, a escola assume papel fundamental ao criar situações educativas que favoreçam o protagonismo infantil, respeitando os tempos e as singularidades de cada criança.

Portanto, a autonomia infantil confi-i gura-se como um processo complexo, construído nas relações sociais e nas experiências educativas, exigindo práticas pedagógicas que promovam a participação, o diálogo e a cooperação. Ao reconhecer a criança como sujeito ativo e competente, a educação infantil contribui para a formação de indivíduos mais seguros, críticos e capazes de atuar de forma consciente na sociedade.

O TEMPO DA CRIANÇA E O RESPEITO AOS RITMOS INDIVIDUAIS

O respeito ao tempo da criança constitui um princípio fundamental das práticas pedagógicas na educação infantil e está diretamente relacionado ao desenvolvimento da autonomia. Cada criança apresenta ritmos próprios de aprendizagem, desenvolvimento e amadurecimento, os quais são influenciados por fatores biológicos, emocionais, sociais e culturais. Reconhecer essas diferenças é essencial para a construção de experiências educativas que promovam segurança, confiança e participação ativa.

Conforme destaca Ávila (2008, p. 23), "cada indivíduo evolui em um determinado tempo", o que evidencia que o processo de construção da autonomia ocorre de forma singular e não linear. Nesse sentido, práticas pedagógicas que desconsideram os ritmos individuais podem gerar insegurança, dependência excessiva ou frustração, dificultando o desenvolvimento da iniciativa e da autoconfiança da criança. Respeitar o tempo infantil significa compreender que aprender a decidir, a escolher e a assumir responsabilidades exige vivências graduais e acompanhadas por adultos sensíveis às necessidades das crianças.

O papel do educador, portanto, não consiste em apressar o desenvolvimento infantil ou antecipar comportamentos considerados autônomos, mas em criar situações pedagógicas que estimulem a experimentação, a tomada de decisões e a resolução de pequenos desafios cotidianos. A organização do tempo, dos espaços e das rotinas escolares deve favorecer oportunidades para que a criança exerça sua autonomia de maneira progressiva, como escolher materiais, participar da organização do ambiente e

construção de acordos e o exercício da escuta, promovendo situações em que a criança aprende a tomar decisões considerando o grupo. Ao mesmo tempo, a mediação do adulto é essencial para orientar essas interações, criando um ambiente seguro e acolhedor que favoreça o diálogo e a reflexão.
Dessa forma, práticas pedagógicas que valorizam o trabalho coletivo, as brincadeiras compartilhadas e a resolução de conflitos por meio do diálogo contribuem significativamente para o desenvolvimento da autonomia infantil. Ao vivenciar relações baseadas na cooperação e no respeito, a criança constrói gradativamente sua capacidade de agir de forma responsável e consciente, fortalecendo sua participação ativa no contexto educativo e social.

AFETIVIDADE E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA

A afetividade desempenha papel central no desenvolvimento da autonomia infantil, uma vez que está diretamente relacionada à segurança emocional, à confiança e à disposição da criança para explorar o ambiente e participar das experiências propostas. Ambientes educativos marcados por relações afetivas positivas favorecem a expressão de sentimentos, o estabelecimento de vínculos e o desenvolvimento da autoconfiança, elementos essenciais para a construção da autonomia.
Faria e Sales (2007) destacam que a presença da afetividade nas relações estabelecidas no contexto educativo amplia as possibilidades de participação da criança, fortalecendo sua iniciativa e sua capacidade de agir de forma independente. Quando a criança se sente acolhida, respeitada e valorizada, torna-se mais segura para fazer escolhas, assumir responsabilidades e enfrentar desafios cotidianos. Assim, a afetividade não se configura como um aspecto secundário do processo educativo, mas como um elemento estruturante das práticas pedagógicas na educação infantil.
As práticas pedagógicas voltadas para o desenvolvimento da autonomia devem oferecer oportunidades concretas para que as crianças participem ativamente do cotidiano escolar. Conforme apontam Araújo e Leite (2015), permitir que as crianças façam escolhas, opinem sobre atividades, organizem materiais e participem da resolução de situações do dia a dia contribui para o fortalecimento da autonomia e da autoconfiança. Essas práticas, quando mediadas por educadores sensíveis e atentos às necessidades infantis, promovem um equilíbrio entre cuidado e autonomia.
Além disso, a organização do ambiente educativo, dos tempos e das rotinas escolares exerce influência direta no desenvolvimento da autonomia. Espaços acessíveis, materiais disponíveis ao alcance das crianças e rotinas flexíveis favorecem a iniciativa e a participação ativa. Dessa forma, a afetividade, aliada a práticas pedagógicas intencionais e coerentes, cria condições para que a criança desenvolva sua autonomia de maneira gradual, segura e significativa, consolidando-se como sujeito ativo no processo educativo.

O BRINCAR COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA PARA O DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA

O brincar ocupa lugar central na educação infantil e configura-se como uma estratégia pedagógica essencial para o desenvolvimento da autonomia infantil. Por meio das brincadeiras, a criança explora o ambiente, faz escolhas, negocia regras, experimenta papéis sociais e toma decisões, elementos fundamentais para a construção de atitudes autônomas. Dessa forma, o brincar possibilita vivências que articulam liberdade, responsabilidade e convivência coletiva.
Nas brincadeiras livres e orientadas, a criança tem a oportunidade de exercer sua iniciativa, organizar ações e lidar com desafios, fortalecendo a autoconfiança e a capacidade de resolver problemas. Além disso, o brincar favorece a construção de normas compartilhadas, pois as crianças aprendem a respeitar regras, esperar sua vez e considerar o outro, aspectos diretamente relacionados ao desenvolvimento da autonomia moral.
No contexto da educação infantil, cabe ao educador planejar e organizar situações lúdicas que ampliem as possibilidades de escolha e participação das crianças, garantindo tempos, espaços e materiais adequados. Assim, o brincar não deve ser compreendido como um momento desvinculado do processo educativo, mas como uma prática pedagó-

gica intencional que contribui de forma significativa para a formação de sujeitos autônomos, criativos e participativos.

A AUTONOMIA INFANTIL NAS DIRETRIZES CURRICULARES E DOCUMENTOS OFICIAIS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

As políticas públicas educacionais desempenham papel fundamental na orientação das práticas pedagógicas desenvolvidas na educação infantil, especialmente no que se refere à promoção da autonomia infantil. Documentos oficiais como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação infantil reconhecem a criança como sujeito de direitos, destacando a importância de práticas educativas que promovam a participação ativa, o protagonismo e o desenvolvimento integral.

A BNCC enfatiza os direitos de aprendizagem e desenvolvimento — conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se — os quais estão diretamente relacionados à construção da autonomia. Esses direitos orientam a organização do trabalho pedagógico, reforçando a necessidade de práticas que respeitem os tempos, os interesses e as singularidades das crianças, ao mesmo tempo em que promovem a convivência e o respeito às diferenças.

Nesse sentido, os documentos oficiais reforçam que a autonomia deve ser compreendida como um eixo transversal da educação infantil, permeando as experiências educativas e as interações cotidianas. Ao alinhar as práticas pedagógicas às diretrizes legais, a escola contribui para a formação de crianças mais seguras, participativas e conscientes de seus direitos e responsabilidades, fortalecendo o papel da educação infantil na construção da cidadania desde a primeira infância.

A ORGANIZAÇÃO DO AMBIENTE EDUCATIVO COMO FATOR DE PROMOÇÃO DA AUTONOMIA INFANTIL

A organização do ambiente educativo na Educação Infantil exerce influência direta no desenvolvimento da autonomia da criança, uma vez que os espaços, materiais, tempos e rotinas escolares podem favorecer ou limitar sua participação ativa. Um ambiente pedagogicamente planejado deve possibilitar que a criança explore, escolha, experimente e interaja com segurança, reconhecendo-se como sujeito capaz de agir sobre o meio. Dessa forma, a estrutura física e organizacional da escola não se configura apenas como cenário, mas como elemento constitutivo do processo educativo.

Espaços acessíveis, materiais ao alcance das crianças e rotinas flexíveis favorecem o exercício da autonomia ao permitir que elas façam escolhas, organizem ações e assumam pequenas responsabilidades no cotidiano escolar. Quando a criança pode selecionar brinquedos, cuidar de seus pertences, participar da organização da sala ou decidir entre possibilidades propostas, desenvolve competências relacionadas à autoconfiança, à iniciativa e à responsabilidade. Essas experiências fortalecem sua capacidade de agir de forma cada vez mais consciente e independente.

Segundo Faria e Sales (2007), o ambiente educativo deve ser concebido como espaço de formação integral, no qual a autonomia se constrói por meio das relações estabelecidas entre sujeito, espaço e práticas pedagógicas. Assim, cabe ao educador organizar contextos que incentivem a participação, respeitem os ritmos individuais e promovam interações significativas. A disposição dos materiais, a previsibilidade das rotinas e a criação de espaços de convivência coletiva são aspectos fundamentais para que a criança compreenda regras, desenvolva segurança emocional e participe ativamente de sua aprendizagem.

Portanto, a organização intencional do ambiente educativo constitui uma estratégia pedagógica essencial para o desenvolvimento da autonomia infantil. Ao estruturar espaços que promovam liberdade com responsabilidade, a educação infantil contribui para a formação de crianças mais confiantes, participativas e protagonistas de suas experiências. Dessa maneira, o ambiente escolar torna-se um importante mediador na construção da autonomia, consolidando-se como espaço de aprendizagem, socialização e desenvolvimento integral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento da autonomia infantil configura-se como um processo gradual, contínuo e profundamente relacionado às experiências sociais, afetivas e pe-

dagógicas vivenciadas pela criança na educação infantil. Ao longo deste artigo, foi possível compreender que a autonomia não se constrói de forma isolada ou espontânea, mas emerge das interações estabelecidas entre crianças, adultos e o ambiente educativo, mediadas por práticas pedagógicas intencionais e sensíveis às necessidades infantis.

As relações sociais, o respeito aos ritmos individuais e a afetividade mostraram-se elementos essenciais para a promoção da autonomia. A convivência com os pares, o diálogo, a cooperação e a participação ativa no cotidiano escolar favorecem a construção de atitudes responsáveis, críticas e solidárias. Nesse contexto, o papel do educador é fundamental, pois cabe a ele criar situações educativas que estimulem a iniciativa, a tomada de decisões e a reflexão sobre as próprias ações, respeitando as singularidades de cada criança.

Evidencia-se, portanto, que a educação infantil desempenha papel decisivo na formação de sujeitos autônomos, desde que compreenda a autonomia como um eixo estruturante do trabalho pedagógico e não apenas como uma habilidade individual. Ambientes educativos acolhedores, organizados e afetivos contribuem para o fortalecimento da autoestima, da confiança e do protagonismo infantil, elementos indispensáveis para o desenvolvimento integral.

Conclui-se que promover a autonomia na educação infantil implica investir em práticas pedagógicas coerentes, fundamentadas no respeito à criança como sujeito de direitos e na valorização de sua participação ativa. Dessa forma, a escola contribui não apenas para o desenvolvimento infantil, mas também para a formação de cidadãos conscientes, críticos e capazes de atuar de maneira responsável na sociedade.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Elaine Patrícia; LEITE, Maria Elizabete. Desenvolvimento da Autonomia Infantil em uma Creche Municipal de Ensino de Campina Grande-PB. Revista Acadêmica Científica Scire, v. 8, n. 2, 2015.

AVILA, Myriam Sela Jayme. A Identidade e Autonomia em Construção na Educação Infantil. São Paulo, 2008.

DIAS, Adelaide Alves. Educação Moral e Autonomia na Educação Infantil: o que Pensam os Professores. Psicologia: Reflexão e Crítica, p. 370-380, 2005.

FARIA, Sílvia B.; SALES, Fátima R. T. Currículo na Educação Infantil: Diálogo com os demais elementos da proposta pedagógica. 2. ed. São Paulo: Ática, 2007.

PEREIRA, Regiane Larréa. O Papel da Educação Infantil na Construção da Auto-